

A egiptomania no *Twitter*: uma proposta de banco de dados (2008 a 2014)

*Pedro Miguel CARVALHO SILVA*¹

*Melissa Cristine LOPES RIBEIRO*²

*Fernando Antônio Nani CARVALHO JUNIOR*³

Resumo: Este trabalho apresenta a análise da primeira parte de um banco de dados sobre a Egiptomania no *Twitter* (2008 – 2014), compreendendo 2.415 evidências categorizadas em onze temas principais, como Egito Antigo, Faraó e Cleópatra. A Egiptomania é entendida como a reinterpretação da cultura egípcia, processo que, embora historicamente literário, consolidou-se academicamente no Brasil a partir de 2000 com os trabalhos de Bakos, diversificando-se de monumentos para mídias contemporâneas. A pesquisa inova ao utilizar o *Twitter* como fonte inédita para registrar a prática "egiptomaniaca", criando um material de arquivo permanente para estudiosos e educadores. A metodologia envolveu a busca avançada no *Twitter* e a catalogação em *Microsoft Access*, visando preservar dados voláteis. Os resultados, disseminados via *Instagram* em um projeto de extensão, demonstram a polissemia de significados atribuídos ao Egito Antigo nas redes sociais, sublinhando sua atualidade e potencial pedagógico.

Palavras-chave: Egiptomania, *Twitter*, Banco de dados, História Digital, Cultura Pop.

¹ Graduando em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Unidade de Campanha). Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte (LEPHAMA). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), sob a orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior. E-mail: pedro.2093684@discente.uemg.br.

² Graduanda em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Unidade de Campanha). Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte (LEPHAMA). Bolsista do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq/UEMG), sob a orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior. E-mail: melissa.2094223@discente.uemg.br.

³ Graduando em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Unidade de Campanha). Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte (LEPHAMA). Bolsista do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq/UEMG), sob a orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior. E-mail: fernando.2094193@discente.uemg.br.

Egyptomania on Twitter: a Database Proposal (2008–2014)

Abstract: This paper presents the analysis of the first part of a database on Egyptomania on Twitter (2008 – 2014), comprising 2,415 pieces of evidence categorized into eleven main themes, such as Ancient Egypt, Pharaoh, and Cleopatra. Egyptomania is understood as the reinterpretation of ancient Egyptian culture, a process that, though historically literary, gained academic consolidation in Brazil from 2000 onwards with Bakos's works, diversifying from monuments to contemporary media. This research innovates by using *Twitter* as an unprecedented source to document "Egyptomaniac" practices, creating permanent archival material for scholars and educators. The methodology involved advanced *Twitter* searches and cataloging in *Microsoft Access*, aiming to preserve volatile digital data. The results, disseminated via *Instagram* through an outreach project, demonstrate the polysemy of meanings attributed to Ancient Egypt on social media, highlighting its contemporary relevance and pedagogical potential.

Keywords: Egyptomania, *Twitter*, Database, Digital History, Pop Culture.

Introdução

Este texto é fruto de um projeto de pesquisa, o qual objetivou construir um banco de dados sobre a Egiptomania no *Twitter*. E por que tal escolha? Primeiro, porque o *Twitter* é uma das maiores plataformas de comunicação na atualidade. Segundo Volpato (2023), a rede possui 24 milhões de seguidores no Brasil, consolidando-se como um lugar onde os usuários comentam e debatem o que estão assistindo na TV, como os noticiários, os reality shows, os jogos de futebol e outros programas.

Em segundo lugar, destacamos o comportamento do usuário na rede. Distanciando-se das amenidades e fotos coloridas de outras plataformas, como o *TikTok* e o *Instagram*, o *Twitter* consolidou-se pela divergência de opiniões entre os “tuiteiros”. Para Araújo e Silva (2023),

“Dados do *Twitter* são relevantes porque podem indicar tanto o humor do momento quanto a mobilização de bases de apoio ou de oposição em relação a dado ator político, ou assunto. Essa possibilidade de medir, em tempo real, a reação a uma fala, a um evento ou até a um programa de TV fez do *Twitter* o preferido para programas de televisão, ou até mesmo para debates políticos.”

Para além da política, percebemos que a História, ou temas relacionados a ela, ou ao passado, têm grande significância. Ao apresentarem comentários as mais diversas mídias, a moda, as religiões, enfim, qualquer assunto, é possível perceber que alguns *posts* acabam tocando em alguma temática histórica.

Um assunto de muito interesse é o Egito antigo. Aliás, esse empenho, segundo Bakos, é muito antigo, remontando aos reinados de D. Pedro I e D. Pedro II, quando a prática da Egiptomania chegou ao Brasil. Entendemos a Egiptomania como a reinterpretação e o reuso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribua novos significados. Por muito tempo, consistiu em uma prática literária, quase que novelística, narrando as histórias daquela civilização antiga com bastante exotismo e sensualidade. No século XX, a Egiptomania foi descoberta por muitos arquitetos, os quais se encarregaram de erguer pirâmides, obeliscos, enfim, objetos artísticos e arquitetônicos inspirados nos modelos egípcios. Atualmente, a Egiptomania passou a olhar para a recepção do Egito nas mídias, como os filmes, os jogos e os quadrinhos. Escolhemos vasculhar o *Twitter*.

No dia 3 de janeiro de 2023, a Ministra da Cultura do Brasil, Margareth Menezes, cedeu uma entrevista ao programa *Em Pauta*, da *GloboNews*. Antes de falar sobre os planos para a pasta, foi convidada pelo apresentador Marcelo Cosme a cantar um trecho da música *Faraó Divindade do Egito* (Menezes, 2006). O evento foi amplamente divulgado no *Twitter* (Figura 1).

Figura 1 — Postagem no *Twitter* sobre Margareth Menezes.



Fonte: PAN, 2023.

Notemos a referência da canção. Ela resgata a influência e a presença da cultura egípcia no Brasil, em especial, no Pelourinho. Em outras palavras, a canção, por si só, é uma prática “egiptomaniaca” porque fala do Egito. Porém, ela não é só isso. Podemos empregá-la para falar da comunidade de descendentes africanos do nosso país e como essas populações possuem origens tão importantes quanto a dos europeus. Podemos ainda a utilizar em sala de aula para falar de África. Enfim, nas palavras de Funari (Apud Carlan; Funari; Feitosa, 2019, p. 18):

“Como explicar esse êxito excepcional [da música]? De muitas maneiras, com certeza, mas um aspecto não pode deixar de ser evidente: o caráter africano da civilização egípcia e a importância das tradições africanas no Brasil. [...] Reconforta, portanto,

ver como no Brasil o Egito aparece, na percepção popular, como africano e ligado à nossa cultura e realidade.”

O próximo passo foi explorar outras referências ao episódio de Menezes. O mais intrigante: percebemos como a Egiptomania no *Twitter* é polissêmica, pois o mesmo evento, com o mesmo vocábulo em destaque, foi comentado com objetivos distintos (Figura 2).

Figura 2 – Margareth Menezes, Faraó da Cultura.



Fonte: *Twitter*.³

³ Com base na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD — Lei 13.709/18), para a realização da pesquisa produzimos o tratamento dos dados pessoais conforme o artigo 7º, parágrafo IV, a saber, “o tratamento dos dados pessoais somente poderá ser realizado nas seguintes hipóteses: para a realização de estudos por órgãos de pesquisa, garantida, sempre que possível, a anonimização dos dados pessoais.” [Grifo nosso]. Também mencionamos a conformidade do nosso estudo com o §4º do referido artigo da lei, o qual

Na figura 2, observamos o uso político dos Faraós do Egito Antigo para criticar o financiamento aos artistas brasileiros por meio da Lei Rouanet, oficialmente Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei n.º 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991).

Diferentemente da recepção anterior, a música *Faraó* não significa mais uma identificação racial, por ser rememorada para descrever o despotismo oriental. O conceito foi cunhado, em 1956, por Wittfogel, no texto “*The Hydraulic Civilizations*”. Em um tom claramente anticomunista, sintetiza que as sociedades do oriente próximo, dentre elas, o Egito, desenvolveram-se por meio desse sistema centrado na irrigação agrícola — o modo de produção asiático — por meio da exploração do pequeno camponês. Em resumo, apresenta o Egito como uma sociedade totalitária, regida por um governante/deus que acumulava todas as riquezas.

Segundo Patu (2018), essa visão, apesar de não ser mais aceita entre os egiptólogos, por uma série de razões, continua presente nos livros didáticos. E o grande problema da sua permanência é o perigo que ela representa. Pois, partilha de uma visão “orientalista” acerca do Egito, como atrasado (comunista), em oposição ao esplendor de Grécia e Roma (pré-capitalistas). A visão orientalista também implica na teorização do povoamento do Egito, no caso, por populações do oriente próximo. Nesse sentido, a impressão passada aos alunos é que o Egito não pertence à África, mas à Ásia. Afinal, a sua população é oriental, o seu governante é um déspota oriental, o seu modo de produção é asiático e assim por diante (Figura 3).

Figura 3 — Principais assuntos pesquisados no Google sobre o Egito.

apresenta que “é dispensada a exigência do consentimento para os dados tornados manifestadamente públicos pelo titular”.

As pessoas também perguntam :

Em que continente fica o Egito Antigo?

Que país pertence o Egito?

Em qual continente fica o Egito e Israel?

Onde fica o Egito África ou Ásia?

Fonte: Google, 2023.

Cabe mencionar que a mesma percepção do despotismo está presente em outras ocorrências do vocábulo “Faraó” no *Twitter* e que não estão ligadas ao episódio anterior (Figura 4 e 6).

Figura 4 – Faraó dos *Bitcoins*.



Fonte: O Globo, 2023.

O uso de Faraó na figura está ligado ao entendimento de que o Faraó é alguém muito rico, situado no topo de uma pirâmide construída por “outros”, ou seja, construída por meio de golpes financeiros. Mas Faraó também está presente em postagens sobre religião (Figura 5).

Figura 5 – Faraó e José na Bíblia.

José foi vendido como escravo pelos irmãos e levado ao Egito. No fim José se tornou administrador do faraó e terminou salvando o seu povo da fome. Deus tirou proveito de algo ruim que aconteceu e transformou em salvação. Algo me diz que devemos glorificar a Deus pelo Brasil.

Fonte: *Twitter*.

Da mesma forma, Faraó também é um vocábulo muito utilizado para falar sobre moda (Figura 6):

Figura 6 – Pés de Faraó.



Fonte: *Twitter*.

A Egiptomania, portanto, não apenas persistiu ao longo dos séculos, mas encontrou no *Twitter* um novo e efervescente palco. Este estudo se dedicou a explorar essa manifestação contemporânea, levantando um banco de dados inédito da plataforma, abrangendo os anos de 2008 a 2014. Nosso objetivo geral foi, assim, construir essa base de dados, visando reconhecer o potencial do *Twitter* como ferramenta de pesquisa histórica, demonstrar a vasta diversidade de assuntos relacionados ao Egito Antigo na plataforma, classificar essas referências por temas específicos para criar um sumário detalhado e, finalmente, publicizar esse banco de dados na internet, democratizando o acesso a esse material valioso para estudiosos e professores interessados na atualidade dessa fascinante civilização.

A construção do banco de dados

A seleção das categorias de pesquisa para o *Twitter* fundamentou-se na obra "Egiptomania: O Egito no Brasil" (Bakos, 2004), reconhecida como a principal referência nos estudos sobre a Egiptomania em solo brasileiro e latino-americano. A importância dessa publicação reside em sua abordagem abrangente, que explora as diversas manifestações do fascínio egípcio ao longo dos séculos.

Ao analisarmos os doze capítulos que compõem a obra, percebemos um claro enfoque na arquitetura como um dos pilares da Egiptomania. No entanto, para expandir o escopo da nossa análise para o ambiente digital contemporâneo, transcendemos essa concentração inicial. Assim, para a coleta de dados no *Twitter*, foram escolhidas onze categorias que permitem capturar um imaginário egípcio mais diversificado, incluindo elementos arquitetônicos e manifestações em festas, na literatura e nas mídias, como jogos e marketing. As categorias selecionadas foram: 1. Egito Antigo; 2. Faraó; 3. Cleópatra; 4. Pirâmide; 5. Esfinge; 6. Hieróglifo; 7. Obelisco; 8. Deus do Egito; 9. Religião Egípcia; 10. Egiptomania; e 11. Nilo.

Para a construção do banco de dados, utilizamos a ferramenta de busca avançada do próprio *Twitter*. Por meio dela, é possível usar filtros (palavras-chave, período entre datas e menções) objetivando encontrar *tweets*.

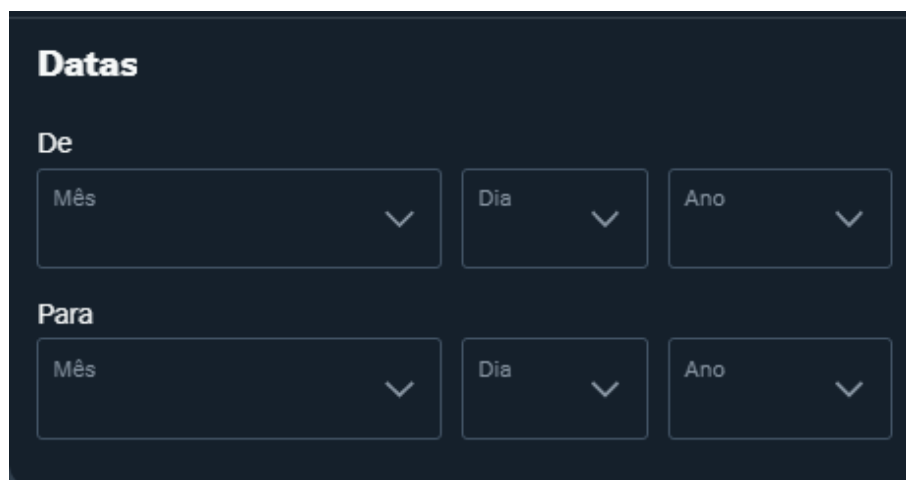
O preenchimento da busca é bem simples. O pesquisador pode consultar diversas palavras, uma frase exata e *hashtags* (Figura 7), filtrando o idioma e em uma cronologia específica (Figura 8).

Figura 7 — Busca avançada palavras-chave *Twitter*.



Fonte: *Twitter*, 2023.

Figura 8 — Busca avançada cronologia *Twitter*.



Fonte: *Twitter*, 2023.

O segundo procedimento, de caráter exploratório, foi justamente buscar as nossas categorias no *Twitter*, observando a cronologia de pesquisar mês a mês. Isso porque percebemos que, quanto menor a amplitude cronológica, mais detalhado serão os resultados da busca.

O terceiro procedimento foi a “arqueologia de salvamento”. Isto é, o armazenamento da documentação. Realizamos o salvamento das evidências coletadas, construindo um banco de dados digital. Os *tweets*, assim, foram inseridos em um documento *Microsoft Access*, a partir do preenchimento de uma ficha contendo as seguintes informações: i. código da postagem (número/ano — ex. 01/2008); ii. palavra-chave pesquisada; iii. endereço eletrônico da postagem; iv. endereço eletrônico permanente da postagem; v. data da postagem; vi. data da coleta; vii. uso do Egito na postagem (classificação por assuntos); viii. texto da postagem (se houver); e ix. responsável pela coleta (discente bolsista). Em conjunto com o preenchimento da ficha, geramos a captura da tela de cada postagem. A imagem é identificada pelo código da postagem, tal como consta na ficha.

Por fim, o quarto procedimento foi a elaboração de documento digital, em PDF, contendo cada uma das fichas. Além do ordenamento cronológico das evidências, organizamos as informações por assuntos/categorias.

Resultados obtidos

Nossa pesquisa identificou 2.415 evidências de Egiptomania no *Twitter* entre os anos de 2008 e 2014, utilizando onze categorias iniciais de busca: Egito Antigo, Faraó, Cleópatra, Pirâmide, Esfinge, Hieróglifo, Obelisco, Deus do Egito, Religião Egípcia, Egiptomania e Nilo.

A análise preliminar desses dados revelou uma distribuição de ocorrências marcante:

- Faraó liderou com 743 posts (30,7%), destacando-se como o vocábulo mais frequente na Egiptomania no Twitter durante o período.
- Egito Antigo apareceu em 443 posts (18,3%).
- Cleópatra foi mencionada em 316 posts (13%).
- Esfinge registrou 247 ocorrências (10,2%).
- Nilo obteve 202 posts (8,62%).
- Pirâmide teve 145 ocorrências (6%).

- Obelisco somou 141 posts (5,8%).
- Hieróglifo apareceu em 116 posts (4,8%).
- As categorias Deuses do Egito (31 posts, 1,3%) e Religião Egípcia (29 posts, 1,2%) tiveram menor frequência.
- Por fim, o termo Egiptomania foi o menos comentado, com apenas 2 referências (0,08%), o que sugere um desconhecimento do campo de estudos na plataforma.

Essa primeira fase da coleta também indicou a necessidade de expandir as categorias de pesquisa para essa mesma temporalidade. Percebemos que diversos termos altamente relevantes não foram inicialmente considerados, mas apareceram com frequência em nossas buscas. São eles: Múmia, Tutancâmon, Nefertiti, Hórus, Anúbis, Ramsés, Ísis, Sarcófago e Osíris, além de Hatshepsut. A inclusão dessas categorias em futuras etapas da pesquisa promete aprofundar ainda mais a nossa compreensão da Egiptomania no *Twitter*.

O potencial didático da Egiptomania

A Egiptomania não é apenas um fenômeno de fascínio cultural; ela se revela uma importante ferramenta educacional, capaz de conectar o passado com o presente e de fomentar uma compreensão mais crítica da história. Nossa pesquisa no *Twitter* e a análise de suas manifestações demonstram como elementos do Egito Antigo são constantemente ressignificados, oferecendo pontes para o ensino e a aprendizagem.

Um exemplo reside nas festividades e no carnaval, onde a Egiptomania se manifesta de forma vibrante. Observamos que o carnaval, com suas possíveis origens em festas e cultos à deusa Ísis, transcende o mero entretenimento. Ele se torna um espaço de expressão de identidade e perpetuação de memórias coletivas, especialmente para a comunidade negra no Brasil (Figura 9). Essa manifestação simbólica, política e religiosa reafirma e resgata memórias do Egito e da África no contexto brasileiro, configurando-se como uma forte forma de resistência da negritude em uma sociedade historicamente marginalizada.

Figura 9 – Olodum no Egito.



Fonte: Oficial, 2022.

O marketing brasileiro também ilustra a versatilidade da Egiptomania. A figura da pirâmide, por exemplo, é amplamente utilizada em nomes de estabelecimentos comerciais, como as 235 empresas "Pirâmide S/A" identificadas no livro de Bakos. Isso ocorre porque a pirâmide evoca diretamente conceitos de solidez, grandeza, durabilidade, ascensão, sabedoria, perfeição e segurança, qualidades altamente valorizadas no mundo dos negócios, especialmente no ramo da construção civil.

Além disso, o entretenimento contemporâneo tem um papel crucial na disseminação da Egiptomania e, consequentemente, no seu potencial educacional. Lançamentos recentes como jogos (*Assassin's Creed Origins*), filmes (*A Múmia*, *O Príncipe do Egito*, *Êxodo*) e séries (*Rainha Cleópatra*) mantêm o Egito Antigo em evidência. O debate em torno dessas produções nas redes sociais, como o Twitter (Figura 10), oferece uma oportunidade ímpar para o ensino de História. A discussão sobre a (des)aficanização dos egípcios no cinema, por exemplo, permite uma análise crítica da perpetuação de imagens eurocêntricas da Antiguidade, onde personagens "criativos/soberanos" são retratados como brancos, enquanto a "massa submetida e escravizada" tem a tez escura (Souza Neto, 2019, p. 30). Essa abordagem histórica se

torna um excelente material para problematizar estereótipos e discutir a construção da representação do passado.

Figura 10 – Opinião sobre o filme “Os deuses do Egito”.

OS DEUSES EGÍPCIOS SÃO NEGROS

Não vi UM PUTO CONSERVADOR reclamar do filme Deuses do Egito com deuses BR4NCOS dos olhos CLAROS e RUIVOS mas vejo esses paspalhos reclamarem de uma sereia negra

Fonte: *Twitter*.

Por fim, o valor educacional dos posts no *Twitter* é inegável. Além de aproximarem a antiguidade dos dias atuais, tornando o contexto histórico mais acessível aos estudantes, esses posts podem ser avaliados e compreendidos por meio da historiografia.

Em um esforço de divulgação científica, e em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UEMG (Programa de Apoio à Extensão), criamos uma série de postagens semanais no *Instagram* do LEPHAMA, intitulada “A Egiptomania no *Twitter*”. Com 24 posts já publicados (Figuras 11 e 12), essa iniciativa demonstra a diversidade de assuntos e a polissemia da Egiptomania no ambiente digital, convidando o público a acompanhar e aprofundar seu entendimento sobre como o passado egípcio continua vivo e relevante em nossa cultura.

Figura 11 — Postagem da série “A egiptomania no Twitter”.

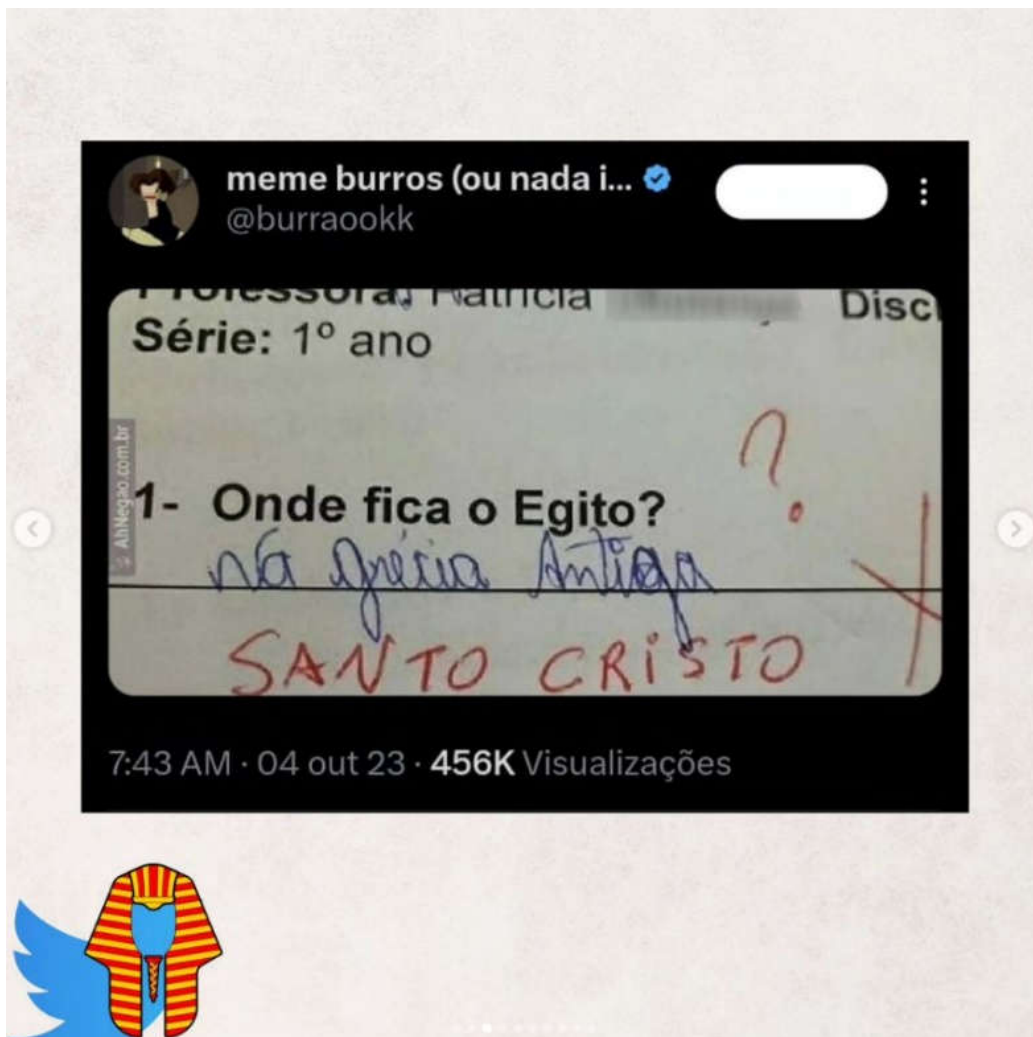
“Talvez não tenha sido suficientemente demonstrado que o colonialismo não se contenta de impor sua lei ao presente e ao futuro do país dominado. Ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o. Essa tarefa de desvalorização da história do período anterior à colonização adquire hoje sua significação dialética.”

FANON, F. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 165.



Fonte: *Instagram* do LEPHAMA.

Figura 12 — Postagem da série “A egiptomania no Twitter”.



Fonte: Instagram do LEPHAMA.

Convidamos a todos os interessados a conhecer mais sobre nossa pesquisa e a fascinante presença do Egito Antigo na cultura digital acompanhando o Instagram @lephama.uemg e a nossa série de postagens "A Egiptomania no Twitter"!

Considerações finais

Essas são as nossas primeiras considerações. Nosso projeto é mais ambicioso. Tem como objetivo principal construir um banco de dados robusto da Egiptomania no *Twitter*, cobrindo os anos de 2008 a 2023. Iniciada em abril de 2023, esta pesquisa já nos permitiu coletar mais de duas mil evidências, um feito que não só reflete o trabalho árduo da equipe, mas também sublinha o imenso potencial de investigação e catalogação ainda por vir nessa plataforma.

Para os próximos anos, a nossa prioridade é organizar e refinar esse material. Vamos elaborar o banco de dados das referências já reunidas, criando um documento detalhado com a ficha de coleta para cada evidência, acompanhada da imagem original retirada das redes sociais. Além disso, as referências ao Egito Antigo serão cuidadosamente classificadas por temas, resultando em um sumário completo que facilitará futuras análises.

Com essas ações, esperamos ter demonstrado o potencial inexplorado do *Twitter* como ferramenta para a pesquisa histórica. A diversidade de assuntos sobre o Egito presentes na plataforma é notável, abrindo novos caminhos para compreendermos como o passado é reinventado e discutido no ambiente digital.

Referências

- Almeida, F. C. de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)*, v. 3, p. 9-30, 2011.
- Araújo, R. de P. A.; Silva, I. F. A capacidade dos trending topics em pautar o debate: agenda setting do algoritmo. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 25, n. 58, pp. 1123–1142, 2023.
- Bakos, M. (Org.). *Egiptomania: O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- Menezes, Margareth. *Faraó Divindade do Egito*. In: MENEZES, Margareth. Rio de Janeiro: EMI, 2006. 1 CD (03:16).

Oficial, Olodum. Brasil, 3 nov. 2022. Twitter: @OlodumOficial. Disponível em: <https://twitter.com/OlodumOficial/status/1588262095036059649>. Acesso em: 18 out. 2023.

O Globo. 'Faraó dos Bitcoins' será transferido para presídio federal em Catanduvas, no Paraná, nesta quarta-feira. Brasil, 24 jan. 2023. Twitter: @OGlobo_Rio. Disponível em: https://twitter.com/OGlobo_Rio/status/1617790844060471296. Acesso em: 26 jan. 2023.

Patu, J. O eurocentrismo sobre Egito Antigo nos livros Didáticos. *MYTHOS — Revista de História Antiga e Medieval*, Ano 2, n. 2, p. 72–86, 2018.

Souza Neto, J. M. G. Deuses do Egito (2016): uma narrativa filmica da civilização branca. *Revista Transversos*, p. 21–44, 2019.

Volpato, B. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais. *Resultados Digitais*. Florianópolis, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 17 out. 2023.

Wittfogel, K. A. The hydraulic civilizations. In: Thomas Jr., William L. (Org.). *Man's role in changing the face of the Earth*. Chicago: The University of Chicago Press, 1956.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 27/06/2025

Aprovado em: 17/08/2025